

## MILTON SANTOS (1926-2001): POLITIZANDO O OLHAR

*Josildeth Gomes Consorte\**



Foto cedida pela autora

No final da década de 40, ainda jovens, nos conhecemos em Salvador. Ele, já acadêmico de Direito, eu, aspirante à Universidade. Fomos apresentados por uma amiga comum, Maria Raimunda Guerra de Macedo, que freqüentava, como ele, os meios estudantis, nos quais Milton já era uma liderança importante naquele momento.

Lembro-me bem dos seus olhos, muito vivos e inquietos, do seu sorriso aberto e da sua expressão alegre e brejeira que só perderia no último ano de sua vida. Lembro-me, também, de sua elegância, de seus modos gentis e do encanto geral que irradiava. Milton estava sempre impecavelmente vestido num terno de linho branco.

Morávamos em bairros vizinhos e, freqüentemente, nos encontrávamos: ele, vindo da Estrada da Rainha, onde residia com seus pais, numa casa de frente alta, meio assombrada; eu, da Ladeira da Soledade, onde também morava com os meus.

Devo-lhe a bolsa de estudos, conseguida pela UEB (União dos Estudantes da Bahia), que me permitiu, uma vez aprovada no vestibular, começar a cursar, em março de 1949, a Faculdade de Filosofia da então Universidade da Bahia, um débito que fiz questão de conservar, com muito carinho, ao longo de todos estes anos.

Cursei Geografia e História, mas não me tornei geógrafa como ele... A Geografia que tive não foi, certamente, das mais estimulantes. Aliás, não me recorro de que esta disciplina tivesse muitos cultores, em Salvador, naquele momento, a despeito da presença do seu Instituto Geográfico e Histórico. Ficou-me, daquele período, como figura marcante, apenas o professor Francisco da Conceição Menezes que nos ensinava Geografia Humana. Interessei-me pela História e me encantei com a Antropologia. Abraçando nossos pendores, fomos seguindo nossos caminhos. Milton logo concluiria seu curso de Direito e, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, como eram chamados os que se diplomavam pela Faculdade de Direito, seus primeiros passos, como advogado, seriam dados na cidade de Ilhéus, centro da região cacauceira, onde abriu um escritório.

Datam, desta época, seu primeiro casamento e o nascimento do seu primeiro filho, Miltoninho, cujo falecimento, em 1996, teria um impacto imenso sobre sua vida. Na realidade, duas perdas imensas e sucessivas, a do seu filho e a do seu irmão mais novo, Nailton, não poderiam ter sido mais catastróficas para ele.

Seu interesse pela zona cacauceira resultaria na publicação, pela Artes Gráficas de Salvador, em 1955, do livro intitulado *Zona do Cacau*, um dos primeiros estudos a se preocuparem com o impacto da atividade cacauceira sobre as terras e as gentes nela envolvidas.

Minha presença na área, naquele início da década de 50, como auxiliar de pesquisa do Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia – Universidade de Colúmbia, implantado por iniciativa do Dr. Anísio Teixeira e tendo como um dos seus diretores o professor Thales de Azevedo, ofereceu-me algumas oportunidades de revê-lo. Nas minhas idas e vindas a Uruçuca, a localidade onde, sob a orientação de Anthony Leeds,

doutorando da Universidade de Colúmbia e responsável pelo projeto, desenvolvia o meu trabalho, entre fins de 1951 e meados de 1952, por vezes nos encontramos e trocamos idéias e impressões sobre o que fazíamos.

Milton, sempre muito ativo, desdobrava-se, na ocasião, entre o escritório de advocacia, o jornalismo e a geografia. Com o tempo, a advocacia cederia lugar ao jornalismo e à geografia, acrescidos de uma atividade política que, na verdade, parece tê-lo sempre acompanhado, desde os tempos de estudante de Direito. Milton foi um jornalista muito atuante, na década de 50 e nos primeiros anos da de 60, escrevendo regularmente para o jornal *A Tarde*, o mais prestigioso da capital bahiana. Sua atuação política, por outro lado, leva-lo-ia a ocupar espaços importantes, sobretudo no início dos anos 60.

Sua atividade como geógrafo prosseguia na docência, nas publicações e nos contatos com os colegas. Lembro-me de uma visita sua a São Paulo, em meados de 1953, quando jantamos com Nilda Guerra de Macedo, outra bahiana que aqui se encontrava aprimorando sua formação em Geografia na USP, junto a luminares como Aroldo de Azevedo, Ary França e Aziz Ab'Saber, dos quais nos falava cheia de orgulho e entusiasmo e que não tardaria a seguir para a França, para sua pós-graduação na área. Dois anos mais tarde, encontrar-nos-íamos, de novo, desta feita no Rio de Janeiro, por ocasião de um Congresso Internacional de Geografia. Seu entrosamento com aquele mundo, sobretudo com os participantes de língua francesa, não deixava dúvida de que se sentia, pelo menos, profissionalmente, entre os seus.

Ver-nos-íamos muito pouco até 64. Em 1955, ao voltar da minha pós-graduação em Antropologia, na Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos, ficaria no Sul do país e só de quando em quando visitaria Salvador. As notícias sobre ele, no entanto, davam conta de que sua atuação como geógrafo se tornava cada vez mais ampla e intensa. A docência estendia-se para além do ensino médio, passando a incluir, também, a Universidade: primeiro, a Católica, depois a Federal da Bahia. É deste período a criação do famoso Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais que tantos frutos produziria em termos de formação de pesquisadores e desenvolvimento de trabalhos em várias áreas, dentre as quais a de urbanismo. Um estudo sobre a rede urbana do Recôncavo bahiano, publicado em 1959 e recentemente reeditado, foi alvo de grande destaque entre as suas publicações daquele momento.

Sua atuação política, por sua vez, o levaria a ocupar uma posição de grande relevo, no cenário local, como representante do presidente Jânio Quadros, na Bahia.

Preso depois do golpe militar de 64, saiu do quartel para o exílio, de onde só retornaria em 79. A maior parte deste período fora do Brasil, passou-a na França, onde

afinal pode dedicar-se de corpo e alma à sua tão amada Geografia. Da França, ganhou o mundo, percorrendo vários continentes, como conferencista, professor e pesquisador nas mais diversas universidades. Foi este período ingrato e sofrido que, em contrapartida, forjou o intelectual que recebemos de volta e que, desde então, só fez crescer em maturidade e tirocínio, incansável no afã de atender aos convites para as mais variadas empreitadas.

Seu reconhecimento em terras brasileiras, no entanto, custou a chegar. Só mesmo depois de ter-lhe chegado às mãos o equivalente ao Prêmio Nobel da Geografia, o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lund, em 1994, o país pareceu se dar conta de sua importância. Foram inúmeros os títulos e honrarias acadêmicas que, a partir de então, acumulou.

Nos últimos anos, sua crítica contundente à globalização em voga extravazou os meios acadêmicos, quer em livros e artigos em revistas e jornais, quer na mídia televisiva, contagiando a todos com sua esperança por uma globalização mais fraterna e igualitária.

Apesar de estarmos morando na mesma cidade, vimos-nos muito menos do que poderíamos esperar desta circunstância que acabou por nos reaproximar.

Tive, porém, a alegria de poder contar com sua presença em minha banca de concurso para Professora Titular do Departamento de Antropologia da PUC-SP, onde me encontro há tantos anos. A dupla alegria de ter ali o conterrâneo, amigo da mocidade e intelectual ilustre e assim poder somar a razão e o afeto.

Conversamos pouco sobre a presença do negro na sociedade brasileira. Acredito que esta reserva tenha sido fruto do modo como vivemos esta condição, cheios de cuidado, de medo de ferir susceptibilidades, sobretudo, nós, bahianos. Poucas vezes ouvi dele referências explícitas a situações de discriminação ou preconceito racial, porventura vividas aqui ou alhures. Também poucas vezes falei sobre o assunto. Por isso mesmo, foi cheia de contentamento que vi, pouco a pouco, o tema desabrochar nas suas falas públicas, tornar-se objeto de sua reflexão. Ele, certamente, não iria nos faltar com mais esta contribuição.

*São Paulo, 17 de agosto de 2001*

#### *Nota*

\* Professora da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP.